

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC JOEL ARAÚJO DOMINGOS SILVA

AS OPERAÇÕES HUMANITÁRIAS E A DIPLOMACIA NAVAL:
o emprego do *USNS "Comfort"* na *Enduring Promise* no mar do Caribe e
América Latina.

Rio de Janeiro

2021

CC JOEL ARAÚJO DOMINGOS SILVA

AS OPERAÇÕES HUMANITÁRIAS E A DIPLOMACIA NAVAL:
o emprego do *USNS "Comfort"* na *Enduring Promise* no mar do Caribe e
América Latina.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Emilio Reis Coelho

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2021

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Joel (*in memoriam*) e Jaine pelo amor, motivação e apoio ao longo da minha carreira na Marinha e que muito contribuíram para a finalização deste trabalho.

À minha madrinha Janete que sempre foi uma entusiasta da Marinha e da minha carreira, me apoiando com as suas palavras e orações.

Ao meu irmão Jairo pelo apoio, companhia e orientações que contribuíram para a elaboração deste trabalho.

À minha sogra Lourdes pela atenção e apoio aos meus estudos durante este ano repleto de desafios pessoais.

À minha amada esposa Rubia e minha querida filha Laura, pelo amor atenção e paciência.

Ao meu orientador, Capitão de Fragata Emilio Reis Coelho pela paciência, disponibilidade, incentivo e intervenções importantes, que em muito contribuíram para o meu aprendizado e conclusão deste trabalho.

Por fim ao meu Deus pelo apoio necessário que me manteve firme e seguro na condução das pesquisas para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi realizar um estudo de caso sobre a atuação do *USNS "Comfort"* em operações de assistência cívico humanitárias em países da América Latina e do Mar do Caribe nas comissões *ENDURING PROMISE* que ocorreram de 2007 a 2019, procurando encontrar a aderência entre este objeto de estudo e a teoria de estudo da estratégia naval que trata do conceito de diplomacia naval proposta pelo historiador naval britânico Geoffrey Till em sua obra *Seapower: A Guide for the Twenty-First Century*. A pesquisa procurou analisar como os EUA empregaram o seu Navio-Hospital com o objetivo de manter influência em seu entorno estratégico, identificando como as operações de assistência cívico humanitárias contribuíram indiretamente para a manutenção da segurança interna dos EUA, por promoverem o bem estar social e a estabilidade dos países latino-americanos aliados. A partir dos resultados da pesquisa, tentar-se-á chegar à conclusão de como as comissões *ENDURING PROMISE* contribuíram para a diplomacia naval estadunidense.

Palavras-chave: *USNS "Comfort"*. Operações Cívico Humanitárias. América Latina e Mar do Caribe. *ENDURING PROMISE*. Diplomacia Naval. Estratégia Naval. Geoffrey Till.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Triângulo de Booth.....	49
Figura 2 – O diamante do Poder Naval segundo Le Mière.....	50
Figura 3 – Desembarque de donativos no Haiti em setembro de 2008.....	51
Figura 4 – <i>USNS "Comfort"</i>	52
Figura 5 – Embarque de infectado com COVID-19 no <i>USNS "Comfort"</i> em Nova Iorque.....	53
Figura 6 – Infográfico <i>ENDURING PROMISE</i> 2019.....	54

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL DE DIPLOMACIA NAVAL	9
2.1	Um breve histórico da diplomacia naval	10
2.1.1	A visão da diplomacia naval pelos estrategistas clássicos	10
2.1.2	A diplomacia naval aplicada ao mundo bipolar	11
2.2	A globalização e o Poder Naval	14
2.3	As marinhas pós-modernas e colaborativas	16
2.3.1	Operações de estabilidade/assistência humanitária	17
2.3.2	A diplomacia naval colaborativa	17
2.4	O papel da diplomacia naval no Poder Naval	19
2.5	A teoria consolidada	20
3	A US NAVY E AS OPERAÇÕES DE ASSISTÊNCIA CÍVICO HUMANITÁRIAS	22
3.1	Conceitos mais relevantes empregados pela <i>US NAVY</i>	22
3.2	Breve histórico	23
3.3	Caráter estratégico das operações cívico humanitárias	25
3.3.1	Contribuição para os objetivos nacionais dos EUA	26
3.3.2	A diplomacia naval segundo a visão da <i>US NAVY</i>	28
3.4	Considerações parciais	29
4	A ENDURING PROMISE INITIATIVE E A DIPLOMACIA NAVAL	30
4.1	O <i>USNS "Comfort"</i>	31
4.2	A importância estratégica da América latina para os EUA	33
4.3	As ameaças assumindo posições na América Latina e Mar do Caribe	36
4.4	Postura dos EUA diante das ameaças	37
4.5	Os objetivos da <i>ENDURING PROMISE</i>	39
4.6	A <i>ENDURING PROMISE INITIATIVE</i> de 2007 a 2019	40
4.7	O legado da <i>ENDURING PROMISE</i>	43
5	CONCLUSÃO	44
	REFERÊNCIAS	47

ANEXO	49
--------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

Os oceanos por muito tempo foram vistos como barreiras naturais, que impediram o avanço de nações inimigas, favorecendo o desenvolvimento e prosperidade de países como os EUA, um exemplo de nação que se manteve isolada durante as duas Guerras Mundiais, e que se desenvolveu por méritos próprios (BLAINEY, 2010, p.74).

Atualmente é pelo comércio marítimo que o mundo moderno se comunica e comercializa seus principais produtos, este modal é responsável por cerca de 90%¹ das operações realizadas entre países. Para a manutenção desse fluxo contínuo, urge a necessidade da manutenção da estabilidade mundial, com ênfase nas regiões onde as linhas de comunicações marítimas se concentram. Com foco na manutenção dessa estabilidade, os EUA aplicam a diplomacia naval por meio da presença de seus navios em diversas regiões do mundo, porém no presente estudo de caso, será analisado o viés não coercitivo deste conceito, com o emprego dos meios navais em atividades benignas de assistência cívico humanitárias.

O presente estudo de caso analisará a diplomacia naval pelo ponto de vista estratégico, o que permitirá avaliar o quanto as operações de assistência cívico humanitárias realizadas pela *US Navy* por meio do *USNS "Comfort"* nas comissões *ENDURING PROMISE* de 2007 a 2019, contribuíram para a diplomacia naval estadunidense, à luz do conceito de diplomacia naval segundo Geoffrey Till (1945 -). Assim buscar-se-á identificar elementos que comprovem a aderência do tema com a assistência cívico humanitária.

O capítulo subsequente a esta introdução apresentará a fundamentação conceitual da diplomacia naval e a sua compreensão pelos estrategistas navais clássicos e como a era nuclear modificou o emprego das marinhas. Este capítulo também mostrará como o Poder Naval se tornou parte importante do Poder Nacional para a consecução da globalização, para isso, Till apresenta uma classificação das marinhas e como a diplomacia naval foi se

1 Segundo dados do site: <<https://www.fazcomex.com.br/blog/exportacao-maritima-porque-e-importante/>> de 13 de janeiro de 2021. Acesso em 24 de julho de 2021.

incorporando às suas missões.

O terceiro capítulo mostrará como surgiu a doutrina de operações cívico humanitárias na *US Navy*, seu caráter estratégico e o propósito dessas operações alinhadas com os objetivos nacionais dos EUA. Também mostrará a visão da diplomacia naval pela *US Navy* sobre a diplomacia naval estadunidense.

O quarto capítulo se voltará para a operação *ENDURING PROMISE* e como ela surgiu. Como é realizado o emprego do *USNS "Comfort"* nas operações de assistência cívico humanitárias realizadas na América Latina e Mar do Caribe e a importância estratégica daquela região para os EUA na perspectiva do ex-Comandante do Comando Sul dos EUA Almirante James G. Stavridis (1955 -), assim como as ameaças que buscam se posicionar no Mar do Caribe e a postura norte-americana para se opor a elas. Por fim serão apresentados os objetivos da comissão *ENDURING PROMISE*, os dados estatísticos e o legado deste tipo de comissão para os países do entorno estratégico dos EUA.

Para atingir a resposta da pergunta que motiva o presente trabalho, será realizada uma pesquisa científica no modelo de estudo de caso.

Espera-se que ao fim do presente estudo de caso comprovar que as operações de assistência cívico humanitárias realizadas pelo *USNS "Comfort"* nos países da América Latina e Mar do Caribe, durante as comissões *ENDURING PROMISE* que ocorreram de 2007 a 2019, tenham aderência com conceito de diplomacia naval à luz do que Geoffrey Till apresenta.

2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL DE DIPLOMACIA NAVAL

As características intrínsecas ao Poder Naval permitem que as marinhas possam empregar seus meios além do combate propriamente dito, contribuindo para a manutenção ou promoção da influência de um determinado Estado em uma região onde haja especial interesse.

Ian Speller (1969 -) identifica nas marinhas a sua capacidade coercitiva, assim como avalia o seu emprego de maneira benigna, para garantir alguma vantagem diplomática nas disputas por influência em alguma região do planeta. Ele chega a exemplificar a aplicação de navios militares em operações de assistência humanitárias, como o emprego do navio-hospital chinês “*Daishan Dao*”² em resposta ao desastre natural nas Filipinas após a passagem de um tufão em 2013, também menciona o emprego do Navio Auxiliar Britânico *Argus* em apoio médico a Serra Leoa durante a crise do vírus Ebola em 2014 (SPELLER, 2019).

Lars Wedin (1947 -) relaciona a diplomacia naval com a presença, uma vez que sem um meio naval presente na região, não há como se falar em diplomacia naval. O autor continua e estabelece que os efeitos estratégicos como a interdição, coerção, o aumento na confiança e amizade, poderão ser produzidos dependendo do tipo e ação em curso pela força naval, sendo o resultado dependente diretamente da postura e da credibilidade da referida Força (WEDIN, 2015).

As atenções sobre as operações de assistência cívico humanitárias tendem a aumentar, fazendo parte de documentos estratégicos de muitos países, como exemplo a Estratégia Nacional de Defesa do Brasil, que prevê o emprego dos meios navais da MB em operações humanitárias e em apoio à política externa em qualquer região que configure cenário estratégico de interesse (BRASIL, 2020). Os EUA também reforçam o interesse nas

2 Tradução do autor em inglês: “*Peace Ark*”, tradução nossa para o português: Arca da Paz.

operações de assistência cívico humanitárias em *A Cooperative Strategy for 21st Century Seapower*, elevando o seu nível de importância tendo em vista a sua contribuição para a manutenção de sua influência no mundo.

Para a análise do objeto de estudo deste trabalho com maior propriedade, será estabelecida uma fundamentação teórica a ser desenvolvida neste capítulo, a fim de apresentar a definição do conceito de diplomacia naval segundo o historiador naval britânico Geoffrey Till em sua obra *Seapower, A Guide for the Twenty-First Century*.

2.1 Um breve histórico da diplomacia naval

Tão importante quanto estabelecer o conceito de diplomacia naval é a apresentação de como ele surgiu e se tornou um termo muito usado pelos estrategistas navais contemporâneos. Para isso esta seção seguirá uma linha histórica, a fim de demonstrar como o pensamento estratégico naval clássico evoluiu até o contemporâneo e como Till apresenta o seu entendimento sobre o conceito de diplomacia naval e o uso das marinhas em detrimento dos interesses políticos e estratégicos de seus líderes.

2.1.1 A visão da diplomacia naval pelos estrategistas clássicos

Apesar da ideia de diplomacia naval ser tão antiga quanto a civilização, os grandes mestres do pensamento marítimo lidaram apenas parcialmente com a sua complexidade³ (TILL, 2018, p. 360). Esses estrategistas clássicos relacionam a estratégia marítima e o emprego das forças navais com a estratégia geral e objetivos políticos de seus governos, assim os principais estrategistas navais clássicos como Alfred Thayer Mahan (1840 – 1914) e Julian Stafford Corbett (1854 – 1922) apresentaram as suas teorias alinhadas com os pensamentos do General Prussiano e estrategista militar Carl Von Clausewitz (1780 – 1831).

3 Tradução nossa do texto original em inglês: “Despite the fact that naval diplomacy is as old as civilisation, the great masters of maritime thought only partially dealt with its complexities.”

Para Corbett a principal função das esquadras era de ‘apoiar ou obstruir o esforço diplomático’⁴(TILL, 2018 p. 360). Mahan (1840 – 1914) considerava que a força das grandes nações dependia de uma esquadra igualmente poderosa, ele seguiu o pensamento apresentado pelo Lord Horatio Nelson (1758 - 1805), quando declarava antipatia pelos políticos e diplomatas, e considerava os navios de guerra da esquadra britânica os melhores negociadores da Europa (MAHAN, 1899).

Segundo estes estrategistas clássicos apontados por Till, a fraqueza no mar poderia se tornar a ruína de uma nação, tanto no âmbito interno quanto em sua política externa. Ao longo do século XIX não havia preocupação com o emprego das marinhas em tempos de paz, a não ser a permanente preparação para a guerra, e de alguma forma, fazer com que os seus adversários notassem tal esforço (TILL, 2018, p. 361).

Portanto os estrategistas clássicos não tinham a percepção do potencial das marinhas em tempos de paz, eles foram influenciados por estrategistas que sabiam muito bem empregar a força militar em terra.

2.1.2 A diplomacia naval aplicada ao mundo bipolar

A descoberta da reação nuclear em cadeia por Albert Einstein⁵ (1879 – 1955) e a sua percepção da capacidade destrutiva desta nova arma foram informados ao presidente dos EUA por meio de uma carta, onde o físico teórico alemão teria idealizado o transporte da nova arma em barcos, visando detoná-las nas proximidades de um porto ou cidade, prevendo a destruição total ou parcial do território circundante (BLAINEY, 2009, p. 162). Einstein já indicava o meio naval como o mais apropriado para levar a sua mais nova descoberta, reconhecendo a capacidade de destruição e o seu uso para ameaçar ou persuadir Estados adversários.

4 Tradução nossa do texto original em inglês: ‘to support or obstruct diplomatic effort’

5 Físico teórico alemão que desenvolveu a teoria da relatividade

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a ex-URSS queria urgentemente uma bomba atômica, logrando êxito em 1949, com méritos ao seu serviço secreto incansável (BLAINEY, 2009, p. 175). Com isso o mundo testemunhava o início de uma era inquietante, onde os EUA e a ex-URSS faziam das reuniões do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) uma partida de xadrez, onde predominava a estratégia defensiva ao invés do debate (BLAINEY, 2009, p. 175).

No campo da estratégia naval, após o surgimento das armas nucleares e o vislumbre mundial diante de sua capacidade destrutiva, os estrategistas começaram a teorizar a aplicação do poder das armas nucleares e o papel das marinhas visando o seu emprego (TILL, 2018, p. 361). Para Till (2018) o responsável pelo pioneirismo do novo pensamento estratégico na *US Navy* foi o Almirante Stansfield Turner (1923 – 2018) que denominou a missão de presença naval como o emprego das marinhas em momentos de ausência de guerras, para atingir o propósito político de seu país.

Corroborando com o pensamento do Alte Turner, porém do outro lado da “cortina de ferro”⁶, estava o Alte Sergey Gorshkov (1910 – 1988), que de acordo com Till (2018), queria demonstrar ao mundo que a ex-URSS era um potencial jogador, tanto que na década de 1960 os seus navios marcavam presença em diversas regiões do mundo.

O autor conecta essas duas assertivas colocadas pelos dois almirantes supracitados, reforçando que com a queda da ex-URSS houve o aumento de interesse dos estrategistas navais pela forma como as marinhas poderiam ser empregadas em prol da política externa de seus países. Ele enfatiza a amplitude de tarefas que podem ser associadas à diplomacia naval, que vão desde visitas corriqueiras a regiões onde existe algum interesse especial, até uma presença de longo prazo ou formação de alianças. Esses pensamentos estratégicos militares foram desenvolvidos pelos novos especialistas em estratégia naval.

6 A Cortina de Ferro designa a separação, primeiro ideológica e depois física, estabelecida na Europa após a Segunda Guerra Mundial entre a zona de influência soviética no Leste e os países do Oeste.

Para Geoffrey Till (2018) esses novos acadêmicos como Sir James Eric Sydney Cable (1920 – 2001) e Ken Booth (1943 -), trazem novos ares para a estratégia naval após o fim da guerra fria em 1991 após a dissolução da ex-URSS. Uma forma gráfica clássica é o triângulo de Booth (FIG. 1), que apresenta do lado diplomático: a presença, assistência aos aliados e nações amigas e a assistência humanitária e resposta aos desastres naturais. O autor considera o pensamento de Cable mais coercitivo, enquanto Edward Nicole Luttwak (1942 -) e Ken Booth se voltam para uma diplomacia naval mais cooperativa, com ações de apoio aos aliados, com o objetivo de dissuadir adversários.

Por outro lado, o autor constata a transformação do triângulo proposto por Booth em um diamante de quatro lados (FIG. 2), segundo Christian Le Mièrè⁷ (2014), com a criação de um novo eixo denominado “segurança marítima”, nele estão inclusas as atividades benignas, dentre elas destaca-se a assistência humanitária e resposta a desastres ambientais, posicionando-se entre a diplomacia competitiva e a persuasiva.

De outra perspectiva, Kevin Rowlands já apresenta uma abordagem mais humana, pois leva em consideração as relações da diplomacia naval com os atores não-estatais, por considerar estes mais ativos. Rowlands sustenta que o foco da diplomacia naval está na assistência mútua e na busca pela construção de bons relacionamentos em oposição à coerção (TILL, 2018, p. 363).

Diante dos fatos acima apresentados, percebe-se que no ambiente bipolar que pairava sobre a guerra fria, a diplomacia naval era empregada para dissuadir os adversários, pois a presença de navios e submarinos em águas internacionais significavam a possibilidade de estarem armados com mísseis portadores de ogivas nucleares. Assim não se considerava o emprego de navios de guerra em outras atividades que não fossem a dissuasão dos adversários por meio da força e do medo.

⁷ Até o fim da pesquisa deste trabalho, não foram encontradas informações sobre a data de nascimento ou morte deste autor.

2.2 A globalização e o Poder Naval

A seção anterior mostrou de maneira breve a evolução da diplomacia naval, partindo da sua forma mais coercitiva no passado até a mais colaborativa no presente, tendo o fator humano e as relações internacionais como motivadores da visão dos estrategistas contemporâneos. Ainda nesse diapasão mais atual, pode-se perceber que a diplomacia naval vincula-se à globalização, visando a manutenção do *status quo* que permita o desenvolvimento das nações mais desenvolvidas.

Como afirma Till (2018) o Poder Naval é o coração do processo de globalização, contribuindo muito mais para este processo do que o poder aéreo e o terrestre. Ele enfatiza a atual preocupação dos analistas e planejadores navais com os atributos do mar e as mudanças de contextos nacionais e externos onde atuam, pois existe permanente preocupação com os oceanos interferindo nas relações entre os países. Ele relaciona a existência de uma grande diversidade na origem das ameaças com as questões de segurança nacional, trazendo mais atenção para estas, uma vez que se faz necessário ampliar o foco tradicional da defesa territorial de um país para além de seus domínios.

“A globalização é o fato central do ambiente estratégico do início do século XXI”⁸ (TILL, 2018, p. 36). O autor confirma o fato dos Estados encontrarem-se interconectados por meio de suas economias, e reafirma a importância da estabilidade política dos países em desenvolvimento e subdesenvolvidos para o crescimento dos países mais ricos.

Dado o exposto, Till (2018) entende que o dever das marinhas na atualidade se mantém prioritariamente focado na defesa da pátria contra agressões externas; e em segundo plano, ser capaz de executar tarefas benignas, que poderão contribuir indiretamente para o aumento da influência do seu Estado em determinada região de interesse estratégico, tanto para a exploração comercial quanto para a segurança das linhas de comunicações marítimas.

⁸ Tradução nossa do texto original em inglês: “[globalisation] is the central fact of the strategic environment of the early twenty-first century.”

O autor sintetiza o seu pensamento sobre a contribuição do Poder Naval no mundo globalizado afirmando que “As atitudes governamentais e mesmo sociais em relação à globalização serão, por sua vez, uma determinante importante da estratégia, defesa e política naval e, portanto; do tamanho, forma, composição e função das marinhas.”⁹ (TILL, 2018, p. 36).

Nota-se que Till reconhece o papel das marinhas no mundo globalizado, e que elas possuem outras tarefas além das operações de ataque e defesa contra os inimigos de seus Estados, sendo capazes de expandir a influência de seus países em regiões menos desenvolvidas ou de especial interesse de seus líderes.

Diante das evidências apresentadas até aqui, é perceptível que as marinhas contemporâneas procurem adequar as suas missões aos interesses estratégicos de seus países, adquirindo meios navais específicos para a realização de determinadas operações, como as de caráter cívico humanitárias, assim como, buscando uma maior participação em operações conjuntas, procurando a manutenção da sua presença nas regiões onde houver interesse.

Dos componentes do Poder Nacional, a marinha é a força mais capacitada para atuar em qualquer lugar do globo, devido às características intrínsecas ao Poder Naval: mobilidade, flexibilidade, permanência e versatilidade.

Por possuir essas características pode-se concluir que uma força naval bem equipada e adestrada é Poder Militar em melhores condições de atuar em qualquer lugar do mundo, por longos períodos e com capacidade de adaptar-se ao tipo de missão para a qual foi designada. Assim, em um mundo globalizado, o Estado que possuir a marinha com os meios com a melhor capacidade de explorar as características do Poder Naval, será aquela que empregará melhor a diplomacia naval no mundo globalizado.

9 Tradução nossa do texto original em inglês: “*Governmental and indeed social attitudes to globalisation will in turn be a major determinant of strategy, defence and naval policy and therefore of the size, shape, composition and function of navies.*”

2.3 As marinhas pós-modernas e colaborativas

Antes de chegar à definição de diplomacia naval, Geoffrey Till a apresenta como uma das missões de uma marinha pós-moderna colaborativa, o autor enfatiza que tal classificação das marinhas é relevante e difícil de evitar:

Os três rótulos: pré-moderno, moderno e pós-moderno, são amplamente usados *faute de mieux*¹⁰, apesar de sua inabilidade indiscutível, porque as alternativas também tem seus problemas. A vantagem em particular da abordagem pré-moderna/moderna/pós-moderna é que os termos vinculam especificamente o desenvolvimento das marinhas à natureza do Estado a que servem e às atitudes coerentes em relação à globalização. E esse, realmente, é o ponto essencial. No entanto, e apenas por uma questão de variedade, os termos ‘tradicional’ e ‘não tradicional’, ‘convencional’ e ‘não convencional’, e especificamente, ‘competitivo’ e ‘colaborativo’ serão frequentemente usados.¹¹ (TILL, 2018, p 42).

Essa classificação apresentada por Till não é rígida, pois as atitudes dos Estados fazem com que as suas marinhas se alternam entre as tendências apresentadas na citação acima, porém, teoricamente, o autor admite que os Estados mais modernos e preocupados com a sua participação no mundo globalizado, têm no Poder Naval uma peça chave para a manutenção do transporte marítimo, por isso eles veem buscando capacitar as suas marinhas de forma que elas sejam mais colaborativas e pós-modernas.

Para Till, as marinhas pós-modernas e colaborativas têm desenvolvido estratégias com o propósito de cumprir cinco conjuntos de missões listadas por ele: “Controle de Área Marítima, Operações Expedicionárias, Operações de estabilidade/assistência humanitária, a boa ordem inclusiva no mar e a diplomacia naval colaborativa.”¹² (TILL, 2018, p. 49).

10 Termo em francês usado pelo autor que significa “a falta de algo melhor”. Disponível em: <<https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/faute-de-mieux>>. Acesso em 04 de junho de 2021.

11 Tradução nossa do texto original em inglês: “*The three labels, pre-modern, modern and post-modern, are largely used faute de mieux despite their undoubted awkwardness because the alternatives have their problems too. The particular advantage of the pre-modern/modern/post-modern approach is that the terms specifically link the development of navies to the nature of the state they serve and to competing attitudes towards globalisation. And that, really, is the essential point.*”

Nonetheless, and if only for the sake of variety, the terms ‘traditional’ and ‘non-traditional’, ‘conventional’ and ‘non-conventional’, and especially ‘competitive’ and ‘collaborative’ will often be used instead.”

12 Tradução nossa do texto original em inglês: “*Sea control; expeditionary operations; stability operations/humanitarian assistance; inclusive good order at sea; collaborative naval diplomacy.*”

2.3.1 Operações de estabilidade/assistência humanitária

Ao apresentar as missões de uma marinha pós-moderna colaborativa, Till (2018) considera que as operações de estabilidade/assistência humanitária são muito próximas das operações expedicionárias e tem na marinha seu principal meio de execução. O autor também associa essas operações ao apoio prestado pelos meios navais estadunidenses aos países que sofreram com desastres naturais.

Logo podemos concluir que Till não identifica esse tipo de missão com a assistência cívico humanitária, mais sim como uma tarefa de resposta rápida aos desastres naturais, onde o planejamento requer velocidade e nem sempre é possível empregar os meios mais adequados para cumprir a tarefa, o que não ocorre em uma operação de assistência cívico humanitária convencional.

2.3.2 A diplomacia naval colaborativa

A globalização faz com que os países passem a cooperar mais entre si, como mencionado no início desta seção, pois eles buscam a defesa do comércio marítimo mundial e a sua manutenção se tornou vital para a economia global. Muito embora Till (2018) concorde que os bens comerciais possuem o seu valor, ele considera que o ser humano é reconhecido como o maior bem comum de todos, tendo sua relevância majorada.

A preocupação atual dos governos passou a ser a opinião pública e a valorização do ser humano, uma vez que, segundo Till (2018), a opinião da sociedade poderá contribuir para o aumento da influência de um Estado em determinada região ou mesmo a sua saída, em caso de perda de credibilidade junto à população local.

Assim, a batalha pela opinião pública mundial é travada em todos os meios conhecidos, desde a grande mídia até mesmo no próprio campo de batalha (terrestre ou marítimo).

Till (2018) considera que as aplicações benignas do Poder Naval tem relevância ímpar, por serem amplas e com o objetivo claro de conquistar os corações e mentes das populações em atendimento no país anfitrião. Ele cita como exemplo o emprego dos navios-hospitais como o *USNS "Mercy"* e "*Comfort*" em operações de ajuda humanitária, ou a comissão de 2010¹³ do navio chinês "*Peace Ark*" ao redor do Oceano Índico, que são vistos como bons exemplos, por pós-modernistas, para ilustrar esse ponto exato, enquanto provê a assistência humanitária¹⁴. (TILL, 2018, p. 53)

A presença naval em uma região de instabilidade e onde se deseja obter influência, contribui para a dissuasão das ameaças de agirem contra o Estado de origem daquele Poder Naval, ao mesmo tempo que a realização de atividades benignas reverte a imagem que os possíveis agentes agressores faziam do visitante. Till (2018) também compreende que a presença naval é uma maneira de monitorar a região do país anfitrião, assim como contribuir para o seu desenvolvimento, por meio de uma política de apoio social e manutenção da consciência marítima.

Pelas ideias apresentadas pelo autor até aqui, nota-se que o conceito de diplomacia naval colaborativa agrega as atividades que são exercidas pelos navios-hospitais em suas comissões de ajuda humanitária, o que contribui para o prestígio da marinha e do país de origem. Por esse ponto de vista, percebe-se como o emprego de um meio naval poderá servir para a aproximação de nações e manter a boa relação política e comercial, por meio de atividades que contribuam para o desenvolvimento psicossocial da população do país anfitrião, impedindo que possíveis agentes agressores surjam ou sejam cooptados por células terroristas, propagando a boa vontade dos países ricos para com os menos favorecidos.

13 Comissão denominada "*Harmonious Mission – 2010*" quando o navio-hospital chinês realizou uma viagem pelo sudeste asiático, executando atividades de assistência médica às populações dos países anfitriões (RAN, 2019).

14 Tradução do texto original em inglês: "*the USS "Mercy" and "Comfort" and other such humanitarian relief operations, or the 2010 cruise of China's Peace Ark around the Indian Ocean, are seen by post-modernists to illustrate the point exactly, while at the same time providing humanitarian assistance.*"

2.4 O papel da diplomacia naval no Poder Naval

Geoffrey Till (2018) se aprofunda no conceito de diplomacia naval quando nos mostra como ela é empregada pelas marinhas e até onde vai o seu alcance. Apesar de atribuir a missão da diplomacia naval às marinhas pós-modernas colaborativas, o autor acaba reconhecendo, ao tratar especificamente da diplomacia naval, que ela possui um papel fundamental na composição de todas as marinhas, independentemente de sua classificação, pois entende a sua importância como ferramenta de persuasão dos seus governos, seja por motivos competitivos ou colaborativos.

Com isso o autor considera que as relações entre as nações, a globalização e os interesses comerciais, acabam por elevar a importância das marinhas e o seu emprego estratégico para a manutenção da influência em diversas regiões do globo. Por motivos políticos (internos ou externos) e financeiros, cada país estabelecerá o tamanho da sua força naval de maneira adequada para tal. Dentro deste mesmo raciocínio, Till (2018) compreende que as marinhas têm um impacto político considerável em seu meio ambiente e também é constantemente afetada por ele.

Diante dessas evidências, o autor identifica que a diplomacia naval vem se tornando uma preocupação maior entre os estrategistas navais, justificando a existência e o aparelhamento adequado das marinhas para cumprir missões específicas de caráter benigno.

Dessa forma, Till (2018) reafirma a importância do Poder Naval para a política externa dos países, atuando dentro das missões consideradas importantes pelo poder político, para o cumprimento dos objetivos estratégicos de suas nações. Ele também constata que o grau de investimentos do governo em seu Poder Naval, segue em paralelo com a sua vontade de desenvolver alianças políticas com outras nações, influenciando diretamente o planejamento da sua estratégia marítima.

2.5 A teoria consolidada

Analisando os passos dados por Till para o desenvolvimento do conceito de diplomacia naval, nota-se a sua compreensão do papel da diplomacia naval na composição do Poder Naval, o autor traz a associação da presença naval e o emprego de meios navais em atividades benignas, como uma estratégia para exercer a sua influência sobre Estados de onde se deseja conquistar alguma espécie de interesse especial.

No breve histórico apresentado ainda neste capítulo, pode-se notar como os estrategistas evoluíram em suas ideias até chegar à diplomacia naval com um viés menos coercitivo e mais atento às questões humanitárias e assistencialistas, com o objetivo de eliminar as novas ameaças oriundas dos atores não-estatais. Essa análise da história permite a compreensão da forma como os estrategistas navais contemporâneos entendem a diplomacia naval, em especial a atenção destinada para o fator humano.

É notável que Till considera que a atuação dos meios navais em missões de assistência humanitárias pode contribuir para a conversão de possíveis agentes hostis em colaboradores, por atuar nas carências de uma determinada população, contribuindo para a conversão daquele povo em aliados em potencial.

O papel dos meios navais na execução de atividades benignas eleva-se com o pensamento estratégico do século XXI, como mencionado nesta seção, pois os custos de uma guerra são muito elevados, já os custos das operações de assistência humanitária podem ser menores e realizadas em menos tempo, conseguindo assim prevenir futuras ameaças, principalmente em uma era onde o inimigo muitas vezes não está ligado a um estado, podendo atuar de maneira independente conforme os seus ideais.

De posse dos dados que contribuíram para a construção do conceito de diplomacia naval segundo Geoffrey Till, pode-se analisar como os EUA utilizam a sua marinha para expandir e manter influência em seu entorno estratégico, especialmente nos países da América

Latina e do Mar do Caribe, a fim de manter a estabilidade na região e dissuadir por meio de atividades benígnas, o surgimento de células terroristas que possam trazer a falta de segurança para as suas fronteiras.

3 A US NAVY E AS OPERAÇÕES DE ASSISTÊNCIA CÍVICO HUMANITÁRIAS

O capítulo anterior apresentou a base teórica a ser usada para o presente estudo de caso, porém, visando contribuir com a melhor sua compreensão do tema, este capítulo mostrará como a *US Navy* emprega seus meios em proveito da diplomacia naval estadunidense em sua publicação NTTP¹⁵ 3-57.3 – *NAVY HUMANITARIAN AND CIVIC ASSISTANCE OPERATIONS*, responsável pela doutrina e instruções de como é realizado o planejamento deste tipo de operação capitaneada pela *US Navy* por meio de um de seus navios-hospitais.

3.1 Conceitos mais relevantes empregados pela *US NAVY*

Alguns termos e abreviaturas em uso pela *US Navy*, conforme constam no NTTP 3-57.3, não são comuns aos empregados pela Marinha do Brasil, para a melhor compreensão deste trabalho, serão apresentados nesta seção os dois mais relevantes:

Humanitarian and Civic Assistance (HCA) – é a assistência provida predominantemente pelas Forças Armadas estadunidenses em conjunto com operações militares ou por meio de exercícios. Os meios navais poderão ser empregados em uma ou mais *host nations*¹⁶ (HN) ou regiões dos EUA. As atividades de HCA serão lideradas por Oficiais estadunidenses em seu Estado-Maior, porém contam com o apoio de Organizações Não Governamentais (ONG), agências norte-americanas e de *partners nations*¹⁷ (PN).

*Foreign Humanitarian Assistance*¹⁸ (FHA) – São programas conduzidos com o objetivo de aliviar ou reduzir as consequências de desastres naturais ou provocados pelo homem, condições endêmicas, o sofrimento humano, doenças, a fome ou quaisquer privações

¹⁵ *Navy Tactics, Techniques and Procedures* – Tradução nossa: Táticas, Técnicas e Procedimentos Navais.

¹⁶ *Host Nations* – Tradução nossa: Nações Anfitriãs.

¹⁷ *Partners Nations* – Tradução nossa: Nações Parceiras.

¹⁸ *Foreign Humanitarian Assistance* – Tradução nossa: Assistência Humanitária a Estrangeiros

que possam levar a grandes danos pessoais e materiais. Ela visa suplementar ou complementar os esforços das autoridades ou agências civis da HN. Seu planejamento é rápido, assim como o seu período de execução. Os meios empregados são os navios da *US Navy* ou *Military Sealift Command*¹⁹ (MSC) disponíveis nas proximidades da região afetada. Normalmente são ações interagências e com apoio de outras nações sob a liderança dos EUA.

3.2 Breve histórico

Segundo o manual para as operações de assistência humanitária, a *US Navy* vem aprimorando sua doutrina buscando o melhor desempenho de seus meios navais e pessoal em missões de HCA por meio das lições aprendidas nas comissões anteriores, resultando na constante atualização do referido documento que orienta seus comandantes na confecção dos planos de operações quando a marinha atua singularmente (EUA, 2009, p. 1-1).

Conforme descrito no NTTP 3-57.3, as operações de HCA são atividades de caráter militar, com características próprias e com limitações temporais e financeiras, que a distinguem das demais operações militares regulares. Em razão da sua presença contínua em diversas regiões do mundo, a *US Navy* há tempos está na vanguarda dos esforços estadunidenses em prestar ajuda humanitária às populações dos países aliados.

No decorrer da década de 1980, o Congresso dos EUA procurou investir cada vez mais nos programas específicos para o emprego das Forças Armadas em missões envolvendo operações de HCA, que ocorreram no contexto de exercícios e operações militares (EUA, 2009a, p. 1-3).

Nas décadas subsequentes, as atenções dos congressistas estadunidenses começam a se voltar para os programas que visavam ampliar a capacidade de execução das operações

¹⁹ **Military Sealift Command (MSC).** Opera aproximadamente 125 navios com tripulação civil que abastecem os navios da Marinha dos Estados Unidos, conduzem missões especializadas, preparam estrategicamente a carga de combate no mar ao redor do mundo e movem a carga militar e suprimentos usados pelas forças desdobradas dos EUA e parceiros das coalizões. Disponível em: <<https://sealiftcommand.com/about-msc/ships-msc>>. Acesso em: 16 de junho de 2021.

de HCA, mais especificamente àquelas realizadas pela *US Navy*, aumentando os investimentos para melhorar o atendimento e preparação para respostas aos desastres ambientais, como exemplo: O terremoto com tsunami na costa de Sumatra e Indonésia em Dezembro de 2004, quando os EUA deslocaram inicialmente o seu “*Strike Group 9*”²⁰ para a região, posteriormente o navio-hospital *USNS “Mercy”* para complementar a missão (EUA, 2009b). “Embora a resposta dos EUA ao tsunami de 2004 tenha sido um grande sucesso de FHA, ela destacou a importância de estabelecer relacionamentos **usando o HCA antes de um desastre.**”²¹ (grifo nosso) (EUA, 2009a, p. 1-3).

O destaque para as operações de HCA deve-se às lições aprendidas pelas Forças Armadas estadunidenses durante a execução das operações de FHA, quando perceberam que apesar da boa receptividade das nações anfitriãs, havia a necessidade de uma maior interação dos militares norte-americanos com a sociedade local, o que só poderia ser conquistada por meio do estabelecimento de um laço de confiança mútua (EUA, 2009^a, p. 1-3).

“Em 2007... o *USNS “Comfort”*, navio-hospital do MSC da Costa Leste [subordinado ao SOUTHCOM], conduziu uma missão HCA a 12 países da América Central, América do Sul e Caribe.”²²(EUA, 2009a, p. 1-4) Esse tipo de comissão passou a ocorrer anualmente com o nome de *Enduring Promise Initiative*, provendo assistência humanitária a diversos países do Mar do Caribe e América do Sul por um período de quatro meses (EUA, 2020a).

Pela breve análise histórica das missões HCA executadas pela *US Navy*, é perceptível a importância dada às operações de assistência humanitárias realizadas nos países aliados dos EUA, com o propósito de manter a sua influência em regiões onde possui algum

20 Grupo de ataque da *US Navy*, nucleado navios-aeródromos com grande capacidade de destruição e apoio logístico móvel.

21 Tradução nossa do texto original em inglês: “*Although the U.S. response to the 2004 tsunami was a major FHA success, it highlighted the importance of establishing relationships using HCA prior to a disaster.*”

22 Tradução nossa do texto original em inglês: “*In 2007, SOUTHCOM and PACOM executed two sea-based missions. In SOUTHCOM, the USNS “Comfort”, the East Coast MSC hospital ship, conducted an HCA mission to 12 Central American, South American, and Caribbean nations.*”

tipo de interesse, quer seja econômico ou estratégico. Neste trabalho será pesquisada a região que abrange a América Latina e os países do Mar do Caribe.

Para executar esse tipo de missão, os EUA passaram a empregar seus navios-hospitais, mostrando sua bandeira pelo mundo por meio dos navios apelidados de “casco branco”²³. Essas comissões também contribuem diretamente para a manutenção do adestramento das equipes médicas e de apoio dos navios-hospitais, que nos períodos de paz buscam se manter em condições de apoiar campanhas militares de maior envergadura.

3.3 Caráter estratégico das operações cívico humanitárias

A *US Navy* eleva a importância das operações de assistência humanitária e as coloca em um dos seus principais documentos estratégicos, o “*The Cooperative Strategy for 21st Century Seapower*”, que é assinado pelos três comandantes das Forças Armadas empregadas diretamente no Poder Naval estadunidense (*US Navy, US Coast Guard e US Marines Corps*).

A marinha pelas suas características intrínsecas, sempre teve papel de destaque em operações de HCA, tal papel foi destacado pelo “*The Cooperative Strategy for 21st Century Seapower*” em 2007 e reafirmado em sua última atualização em 2015:

Esta estratégia marítima reafirma dois princípios fundamentais. Em primeiro lugar, a presença naval avançada dos EUA é essencial para realizar as seguintes missões navais derivadas da orientação nacional: defender a pátria, deter o conflito, responder a crises, derrotar a agressão, proteger os recursos marítimos, **fortalecer parcerias e fornecer assistência humanitária** e resposta a desastres. Nossas forças navais autossustentáveis, operando nos bens comuns globais, garantem a proteção da pátria longe de nossas costas, ao mesmo tempo que proporcionam ao Presidente espaço de decisão e opções para negar os objetivos de um adversário, preservar a liberdade de ação e garantir o acesso a nas forças.²⁴ (grifo nosso) (EUA, 2015, p.2)

23 Designação usada pelo Alte Stavridis em seu livro *Partnership For Americas*, para identificar os navios-hospitais.

24 Tradução nossa do texto original em inglês: “*This maritime strategy reaffirms two foundational principles. First, U.S. forward naval presence is essential to accomplishing the following naval missions derived from national guidance: defend the homeland, deter conflict, respond to crises, defeat aggression, protect the maritime commons, strengthen partnerships, and provide humanitarian assistance and disaster response. Our self-sustaining naval forces, operating in the global commons, ensure the protection of the homeland far from our shores, while providing the President with decision space and options to deny an adversary’s objectives, preserve freedom of action, and assure access for follow-on forces.*”

Na citação acima, em destaque, percebe-se que a missão da *US Navy* está alinhada com o que foi apresentado no capítulo anterior, quando Geoffrey Till classificou as operações de assistência cívico humanitárias como “missões de uma marinha pós-moderna colaborativa”. Depreende-se assim a importância que o governo estadunidense eleva à sua marinha ao tratar do tema assistência humanitária. O fato de citar a assistência humanitária em suas missões principais, demonstra o quanto os EUA estão preocupados com a manutenção de sua imagem perante os países em desenvolvimento.

Soma-se também o fato apresentado pelo Almirante James G. Stavridis (1955 -) em sua obra “*The Partnership for The Americas*” de 2010, onde menciona que a percepção do governo estadunidense de que é mais fácil evitar uma guerra do que combatê-la, fez com que aumentasse os programas de assistência humanitária, voltando-se para o seu entorno estratégico, que exerce grande influência em sua política externa e se apresenta como uma vitrine para os seus aliados nas demais partes do globo.

Assim essa seção seguirá apresentando como as operações de assistência cívico humanitárias contribuem para a consecução dos objetivos estratégicos dos EUA e qual a percepção da *US Navy* sobre a diplomacia naval segundo a sua doutrina.

3.3.1 Contribuição para os objetivos nacionais dos EUA

Como já apresentado anteriormente, embora a *US Navy* possua a capacidade de rápida mobilização de seus meios para atender eventuais crises humanitárias que possam surgir inopinadamente, o governo dos EUA mantém a mentalidade de construção da confiança e cooperação com seus aliados, por meio das operações de HCA, considerando os seus interesses estratégicos para a escolha das HN e PN.

O Alte Stavridis (2010) afirma que ao enviar os navios da *US Navy* em apoio aos países que sofreram grandes prejuízos por conta de desastres causados por tragédias de caráter

humano ou naturais, permitiu aos militares norte-americanos identificarem uma oportunidade de conquistar a empatia das pessoas por meio de atividades de assistência cívico humanitárias, que contribuem para a promoção da cultura norte-americana e a associação da imagem dos militares norte-americanos às boas ações ao invés da natural percepção do combatente violento, atingindo assim um dos objetivos da diplomacia naval estadunidense.

A *US Navy* poderá executar as operações de FHA e HCA em apoio aos seus objetivos estratégicos nacionais nos seguintes pontos:

- 1 – Fomentando e sustentando relacionamentos cooperativos com as HN. Uma relação de cooperação ampliada com outras nações contribui para a segurança e estabilidade do domínio marítimo e para o benefício de todos.
- 2 – Forjar parcerias internacionais em coordenação com outros serviços dos EUA, interagências e as HC²⁵. Os comandantes das operações de HCA buscam uma abordagem cooperativa para o planejamento e execução dessas atividades.
- 3 – Promover relações mutuamente benéficas com estruturas de parceria regional e global que aumentem a segurança. Ao participar de forma rotineira e previsível em atividades cooperativas, como as operações de HCA, as Forças Navais são dispostas a apoiar outras forças combinadas ou para mitigar e localizar interrupções.
- 4 – Dissuadir a agressão. Prevenir a guerra é preferível a guerrear. As atividades de HCA são uma forma de dissuasão estendida, criando segurança e removendo condições de conflito por meio da construção de parcerias.²⁶ (EUA, 2009a, p. 1-2)

Os objetivos supracitados constantes do NTTP 3-57.3 reforçam como as operações de assistência cívico humanitárias são ferramentas importantes na construção das relações estratégicas dos EUA com os seus aliados, sendo empregada inclusive como um meio de construção de parcerias, contribuindo para a dissuasão, dentro do conceito de diplomacia naval segundo o entendimento de Geoffrey Till, apresentado no capítulo 2 do presente trabalho.

25 *Humanitarian Community* (HC) – São as pessoas, agências (privadas ou públicas) e organizações (privadas ou governamentais), que por iniciativa própria ou quando convidadas, contribuem para as operações de assistência cívico humanitárias.

26 Tradução nossa do texto original em inglês: “1. *Fostering and sustaining cooperative relationships with HNs. An expanded cooperative relationship with other nations contributes to the security and stability of the maritime domain for the benefit of all.* 2. *Forging international partnerships in coordination with the other U.S. services, interagency, and the HC. HCA commanders seek a cooperative approach to planning and execution of HCA activities.* 3. *Promoting mutually beneficial relationships with regional and global partnership frameworks that enhance security. By participating routinely and predictably in cooperative activities, such as HCA, maritime forces are postured to support other joint or combined forces to mitigate and localize disruptions.* 4. *Deterring aggression. Preventing war is preferable to fighting wars. HCA activities are a form of extended deterrence, creating security and removing conditions for conflict through the building of partnerships.*”

3.3.2 A diplomacia naval segundo a visão da *US NAVY*

A capacidade do Poder Naval norte-americano de se manter e executar tarefas em qualquer parte do globo, faz com que tome parte em conflitos internacionais que possam de alguma maneira influenciar na política externa dos EUA. Tal influência só poderá ser atingida por meios navais capazes de prevalecer em possíveis combates contra forças regulares ou grupos terroristas.

Assim, a diplomacia naval para os EUA, segundo o *Naval Doctrine Publication 1 – Naval Warfare* (NDP-1), é a aplicação de capacidades navais na busca de objetivos nacionais durante a cooperação e competição abaixo do conflito. Corroborando com o conceito de diplomacia naval segundo Geoffrey Till, os EUA consideram que a *US Navy*, ao contrário das outras Forças constituintes do seu Poder Militar, é a única capaz de aplicar a diplomacia sem a necessidade de uma presença persistente em terra.

A presença de uma Força Naval avançada nas principais regiões do mundo facilita a condução da diplomacia naval, o que gera tranquilidade aos países aliados dos EUA e impede a agressão ao mesmo tempo que lhes fornece a capacidade estadunidense de responder às crises, sejam elas geradas por razões humanas ou naturais.

O NDP-1 considera que a presença de navios de sua marinha fornece aos EUA o acesso estratégico crítico para responder a quaisquer tipo de ameaças contra seus aliados e parceiros comerciais. Para eles a diplomacia naval será a forma de busca da paz e a prosperidade para o próprio país e para o mundo.

Diante da visão que os EUA fazem da diplomacia naval, nota-se que tal percepção encontra aderência com o conceito de diplomacia naval segundo Geoffrey Till. Conforme será apresentado mais a frente, os EUA procuram empregar o seu Poder Naval para se afirmar como protagonista no sistema internacional e manter a estabilidade do mundo globalizado.

3.4 Considerações parciais

Dado o exposto neste capítulo, pode-se perceber que o conceito de diplomacia naval segundo Geoffrey Till possui aderência com as missões de assistência cívico humanitárias realizadas pela marinha estadunidense, contribuindo para os seus objetivos nacionais.

A realização das operações de assistência humanitária em países aliados ao governo estadunidense também ajudam na manutenção do adestramento do seu pessoal, com ênfase nas tripulações dos navios-hospitais.

É notável a organização e a percepção do governo norte-americano, sobre a importância desse tipo de missão, pois sua marinha vem mantendo a ideia de contribuir com a assistência cívico humanitária a países aliados em seus documentos estratégicos. Logo, ela toma para si tal responsabilidade, por possuir características que são essenciais para realizar tais missões em qualquer parte do globo.

Percebe-se por meio de alguns exemplos apresentados na seção 3.2 deste trabalho, que a *US Navy* possui a capacidade de realizar esse tipo de missão em pouco tempo em qualquer lugar do mundo e com grande volume de atividades, que vão de atendimentos médicos e veterinários até apoio à construção civil.

Em tempos de paz e sem perspectivas de emprego dos navios-hospitais, as missões de assistência cívico humanitárias justificam os recursos empregados de duas maneiras, ao contribuir para a construção e manutenção dos laços de amizade com as nações anfitriãs e incrementando o adestramento das equipes de atendimento, sejam militares ou civis.

4 A ENDURING PROMISE INITIATIVE E A DIPLOMACIA NAVAL

Este capítulo tem por objetivo mostrar como surgiu a operação *ENDURING PROMISE*²⁷, que envolve o emprego do *USNS "Comfort"* em operações de assistência cívico humanitárias na América Latina e Mar do Caribe, exercendo a influência estadunidense por meio da diplomacia naval aplicada ao ramo da estratégia, como foi desenvolvido no capítulo 2 deste trabalho. O capítulo 3 mostrou como o governo dos EUA, por meio de sua marinha, eleva de importância as operações de assistência cívico humanitárias em países onde possui algum tipo de interesse.

Com os EUA atuando como grande ator global e principal importador de matérias-primas, surge a necessidade de manter uma política externa compatível com os seus objetivos estratégicos, o que o levou a reforçar sua atuação na América Latina a partir de 2007, quando percebeu o crescimento de países cujos governos não se alinhavam à ideologia norte-americana.

Com a subida ao poder de Hugo Chávez (1954 – 2013) na Venezuela, Luiz Inácio Lula da Silva (1945 -) no Brasil, Nestor Kirchner (1950 – 2010) na Argentina, Tabaré Vazquez (1940 – 2020) no Uruguai, Michelle Bachelet (1951 -) no Chile, Evo Morales (1959 -) na Bolívia, Daniel Ortega (1945 -) na Nicarágua e Rafael Correa (1963 -) no Equador (AYERBE, 2008, p.213). O governo estadunidense percebeu que deveria voltar suas atenções para os seus vizinhos do sul.

O governo do Presidente George W. Bush²⁸ (1946 -) toma a iniciativa de se voltar para o sul, com o propósito de dar mais atenção à América Latina do que os seus antecessores (AYERBE, 2008, p.214), atuando de forma a melhorar a imagem de seu país, a fim de evitar o aumento do sentimento contra os EUA e ao mesmo tempo impedir que países pobres se

27 Tradução nossa: Promessa Duradoura.

28 George Walker Bush foi o 43º Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, governou o país por dois mandatos no período de 2001 a 2009. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/George-W-Bush/480870>>. Acessado em: 25 de julho de 2021.

tornassem abrigos de movimentos terroristas.

Uma das maneiras encontradas para se opor a este movimento foi por meio da diplomacia naval, com o emprego de navios da *US Navy* na comissão *ENDURING PROMISE*, com o objetivo de levar serviços médicos, odontológicos e outras atividades de assistências cívico humanitárias às comunidades carentes dos países em desenvolvimento na América Latina e países do Mar do Caribe.

A comissão *ENDURING PROMISE* se originou com o objetivo de contribuir para a manutenção da influência estadunidense na América Latina e ilhas do Mar do Caribe. Mostrando como os EUA voltaram a sua atenção para aquela região.

Nas seções subsequentes será analisado o estudo do Almirante Stavridis em sua obra *Partnership for the Americas*, onde narra a sua percepção do emprego dos meios navais estadunidenses em operações de assistência humanitária na América Latina enquanto foi Comandante do *United States Southern Command (USSOUTHCOM)*²⁹ e como ele atuou de forma a manter a influência dos EUA, por meio de missões de apoio aos países parceiros, em especial as missões de operações de assistência cívico humanitárias executadas pelo *USNS "Comfort"*.

4.1 O *USNS "Comfort"*

Antes de dar continuidade no desenvolvimento deste capítulo, faz-se mister relacionar alguns dados e características sobre o *USNS "Comfort"*, o navio-hospital estadunidense que protagonizou a maioria das missões de assistência cívico humanitária na América Latina e nos países banhados pelo Mar do Caribe.

O repórter J. R. Potts³⁰ apresentou no site "*Military Factory*", as principais

²⁹ *US Southern Command (USSOUTHCOM)*. É responsável por fornecer planejamento de contingência, operações e cooperação de segurança em sua área de responsabilidade, que inclui: América Central, do Sul e Caribe (exceto comunidades, territórios e possessões dos EUA). O comando também é responsável pela proteção da força dos recursos militares dos EUA nesses locais e por garantir a defesa do Canal do Panamá.

³⁰ Após pesquisa em sites especializados, não foi possível encontrar dados sobre datas de nascimento e morte do autor.

características do navio e um breve histórico.

A *US Navy* possui dois navios-hospitais, o *USNS "Comfort"* baseado no porto de Baltimore, Maryland, na costa leste norte-americana e o *USNS "Mercy"* baseado em San Diego na costa oeste.

O *USNS "Comfort"* foi construído em 1976 como um petroleiro, batizado com o nome de *SS Rose City*, posteriormente foi adquirido pelo governo estadunidense e entregue à *US Navy* em 1987, ano em que teve início a sua conversão em navio-hospital.

Conforme previsto na convenção de Genebra em seu capítulo III, os navios-hospitais possuem o intuito exclusivo de prestar apoio aos feridos, doentes e náufragos, tratando-os e realizando o seu transporte, não podendo ser atacados nem apresados e serão sempre protegidos e respeitados, uma vez que sejam identificados positivamente como meios navais para este fim. Uma característica claramente notável no *USNS "Comfort"* é o seu casco branco adornado com grandes cruces vermelhas, caracterizando distintamente o seu propósito (FIG. 4).

O navio manteve algumas características operacionais de um petroleiro, como por exemplo o seu grande calado, o que dificulta a sua aproximação de alguns portos, obrigando o desembarque de pessoal e material por meio de embarcações orgânicas ou aeronaves embarcadas. Seu convoo pode operar apenas uma aeronave por vez, com capacidade de receber helicópteros de grande porte como o *Boeing CH-47 Chinook*, o *Sikorsky CH-53D/E* e *MH-53E*.

O centro nervoso do navio é o espaço destinado para os cuidados médicos mais complexos, pois ele conta com 12 salas de cirurgia e 1.000 leitos com capacidade de suportar diversos níveis de atendimentos, sendo 500 para tratamentos básicos, 400 para níveis intermediários de internação, 20 para recuperação pós-cirúrgica e 80 leitos destinados ao tratamento intensivo. Seu porte e o deslocamento de cerca de 70 toneladas contribuem para a

sua estabilidade, permitindo a realização de cirurgias em meio às travessias.

O navio possui clínicas de odontologia e capacidade de realizar exames de raio-X e tomografias. Também tem sua própria planta para produção de oxigênio e refrigeradores próprios com capacidade de armazenar 5.000 unidades de sangue. Sua tripulação pode chegar a 2.000 pessoas entre civis, militares e profissionais da saúde, que podem ser militares ou não. Outros serviços também podem ser encontrados a bordo, como farmácia e um necrotério.

Por possuir a arquitetura naval original de um petroleiro, o movimento dos pacientes dentro do navio é muito difícil, pois as anteparas estanques que isolavam os tanques de óleo permaneceram segundo o projeto original, obrigando movimentos verticais até o convés principal para depois descer até o compartimento de destino.

Uma vez acionado, o navio leva 5 dias para iniciar o seu deslocamento para a área de atuação, o que denota uma grande capacidade de mobilização, levando-se em consideração que suspender de um navio deste porte e com uma gama de equipamentos e pessoal demanda muito tempo e organização logística.

Em abril de 2020, o jornalista Gidget Fuentes³¹ do site *USNI News*, informou em seu site que o navio ficou atracado no porto de Nova Iorque naquele mês, a fim de disponibilizar mais leitos para tratamento de pessoas contaminadas pelo vírus COVID-19. O navio chegou a receber 182 pacientes (FIG. 6), que permaneceram em tratamento a bordo internados, não atingindo nem a metade dos 500 leitos disponibilizados exclusivamente para o tratamento contra o COVID-19.

4.2 A importância estratégica da América latina para os EUA

Como dito anteriormente no capítulo 2 do presente trabalho, a formação de alianças no mundo globalizado é muito importante, assim como a estabilidade política,

31 Após intensa pesquisa em sites especializados, não foi possível encontrar dados sobre nascimento ou morte do autor.

econômica e social dos países, que contribuem para o maior desenvolvimento dos países desenvolvidos, mais especificamente dos EUA.

O Alte Stavridis enquanto comandante do USSOUTHCOM, lança seu olhar sobre a região e tira algumas conclusões importantes sobre os desafios da estratégia militar estadunidense para atingir os objetivos e interesses nacionais por meio de uma estratégia baseada em uma diplomacia naval mais cooperativa, com a construção de operações de assistência cívico humanitárias, o que segundo o autor, contribuirá para afastar as ameaças de outros Estados ou de agentes não-Estatais, assim como promover a estabilidade e a paz global, pois os interesses do governo estadunidense estão cada vez mais atrelados aos seus vizinhos mais ao sul.

Para Evan Ellis (2016), a falta de uma ameaça existencial de curto prazo na América Latina e no Caribe não torna a região menos importante estrategicamente para os EUA. O governo estadunidense reconhece a importância estratégica da região como exemplo de sua conduta para o aprimoramento de sua influência global.

O autor considera que a região influencia diretamente na prosperidade e segurança dos EUA. De forma recíproca, a proximidade da região com os EUA, fazem dos países nela contidos, parceiros ideais, não existindo nenhuma região do mundo onde a prosperidade, infraestrutura e instituições saudáveis possam contribuir mais para uma relação comercial ganha-ganha com os EUA.

Elis usa uma analogia militar considerando a América Latina e o Caribe como um “terreno elevado não ocupado”³². A região tem a sua importância estratégica, mesmo não apresentando uma ameaça significativa para a segurança e estabilidade dos EUA.

Atualmente é difícil considerar que um país latino-americano ou caribenho possa colaborar militarmente com uma potência extrarregional contra dos EUA, mas tal arrogância

32 Termo militar mais comumente aplicado ao combate terrestre. O autor é professor do *US Army War College Strategic Studies Institute*.

estadunidense apontada por Elis (2016), pode ser colocada em dúvida.

Para reforçar esse argumento, o autor cita como exemplo histórico o evento que ficou mundialmente conhecido o “telegrama Zimmermann”³³, quando o Ministro do Exterior alemão transmitiu ao governo do México uma mensagem onde oferecia apoio militar em caso aquele país se aliasse à Alemanha contra os EUA. A este fato somaram-se os torpedeamentos de navios mercantes norte-americanos no Oceano Atlântico por *U-boats*³⁴ alemães, fazendo com que a opinião pública estadunidense apoiasse a mudança de postura daquele país, abandonando a neutralidade e entrando na grande guerra (MAGNOLI, 2006, P. 336-345).

O Alte Stavridis (2010) associa a presença militar dos EUA às operações de assistência cívico humanitárias, em vez de ações militares ofensivas e intrusivas, buscando mostrar que os norte-americanos se preocupam com os seus vizinhos mais do que consigo, procurando assim desviar o foco dos engajamentos estadunidenses com operações contra o narcotráfico e de contenção ao terrorismo transnacional.

Para Stavridis, um envolvimento concreto e de longo prazo em áreas afetas ao bem estar social como os cuidados com a saúde, mostram que o governo estadunidense se preocupa verdadeiramente com a estabilidade e prosperidade da região, o que trará esperança e mais oportunidades para todos os povos latino-americanos.

Como apresentado no capítulo 3, os EUA aprenderam com a assistência humanitária ao tsunami que atingiu a Indonésia em 2004, que toda ajuda pode aumentar em muito a maneira como os demais países enxergam a expansão política e econômica norte-americana, isso é de fundamental importância para a disseminação da sua boa vontade, principalmente quando a ajuda provém de navios da *US Navy*.

O Alte Stavridis segue em sua análise, comparando a atuação dos médicos norte-

33 O evento ficou conhecido pelo nome do Ministro das Relações Exteriores da Alemanha em 1917, Arthur Zimmermann. O telegrama foi enviado para o embaixador alemão no México, Heinrich von Eckardt. O telegrama foi decifrado pelo serviço de inteligência britânico e entregue ao governo norte-americano.

34 Termo que identifica os submersíveis alemães empregados na Primeira e Segunda Guerra Mundial. Em alemão o termo significa “*Unterseeboot*”, tradução nossa: Barco Submarino.

americanos em missões de assistência humanitária à atuação de médicos cubanos em regiões desprovidas de recursos à saúde em diversas regiões do mundo, isso contribuiu muito para a imagem do regime cubano e atribuíram uma fama de reconhecimento internacional sobre a capacidade e o desenvolvimento da medicina naquela ilha caribenha. Ele considera que o exemplo cubano pode ser aplicado ao que a marinha estadunidense realiza anualmente por meio do *USNS "Comfort"*, levando os EUA a competir pela opinião pública de seus vizinhos.

Assim o governo estadunidense identifica a América Latina e Mar do Caribe, como uma região de vulnerabilidade estratégica devido à sua posição, por esse motivo buscarão se apresentar em todas as oportunidades como um parceiro promotor e provedor do desenvolvimento dos países vizinhos, apoiando valores comuns como a democracia e a preservação dos direitos humanos. Ao destacar a preocupação com os direitos humanos, aquele governo lança mão de suas forças militares, em especial a sua marinha, para a promoção de programas sociais.

4.3 As ameaças assumindo posições na América Latina e Mar do Caribe

Ao redigir o *POSTURE STATEMENT* do USSOUTHCOM em 2020, seu comandante, o Alte Craig S. Faller (1961 -) segue com o foco de manter a influência estadunidense no Hemisfério Ocidental, principalmente quando as parcerias possuem uma sólida base em valores democráticos. Ele declara que os países vizinhos dos EUA constituem um espaço crítico que exerce uma grande influência na capacidade norte-americana de se manter como grande competidor global.

Segundo dados retirados de seu *POSTURE STATEMENT*, o Alte Faller considera os países da América Latina como grandes parceiros dos EUA, responsáveis por absorverem 25% das exportações norte-americanas e pela localização do Canal do Panamá, que possibilita a maior rapidez no comércio marítimo entre os Oceanos Atlântico e Pacífico.

Segundo Faller, em 2019 o governo Chinês angariou 19 países latino-americanos em sua iniciativa *One Belt One Road*, que emprega trilhões de dólares em financiamento de infraestrutura em diversos países subdesenvolvidos (HURLEY, 2018).

A Rússia também consta no documento estratégico de Faller, pois além da parceria histórica com Cuba, o regime do presidente venezuelano Nicolás Maduro também vem recebendo apoio econômico e militar dos russos.

Antecessor de Faller no USSOUTHCOM, o Alte Stavridis também se manifestava quanto à maior atenção dos EUA para com seus vizinhos latino-americanos. Em 2010 ele já constata a queda da opinião positiva dos latino-americanos sobre os EUA (STAVRIDIS, 2010, p. 50). Ainda complementa citando o fato da globalização ter elevado de importância a relação com o governo estadunidense com atores estatais e não-estatais, tornando essa relação vital para a segurança interna dos EUA, muito maior do que no passado.

Na percepção do Alte Stavridis, a estrutura organizacional estadunidense deve empregar uma abordagem mais holística e integrada à cooperação nacional e internacional, a fim de melhor atender aos interesses de segurança dos EUA e de seus parceiros no Hemisfério Ocidental. Essa nova estratégia envolve a compreensão e aproveitamento dos grandes vínculos que compartilham com a América Latina e o Caribe (STAVRIDIS, 2010, p. 51).

Diante dos elementos apresentados acima pelos ex-comandantes do USSOUTHCOM, percebe-se que os almirantes reconhecem a expansão da influência chinesa e russa na América do Sul, o que poderá gerar insegurança para o seu governo, para reduzir essa influência e demonstrar sua boa vontade em ajudar seus vizinhos, surgindo a necessidade de se fazer mais presente na América do Sul.

4.4 Postura dos EUA diante das ameaças

O Alte Faller (2020) é enfático ao afirmar que somente a presença de militares

estadunidenses na América Latina poderá bloquear a influência de países externos ao continente Americano na região.

Na indisponibilidade de uma presença militar com maior duração, busca-se operar com pequenos grupos em períodos curtos de tempo, sob o argumento de intercâmbio entre os militares e participação de exercícios conjuntos. Ele considera que tal intercâmbio poderá ocorrer em diversos ambientes operacionais, desde exercícios de defesa cibernética até as operações de assistência cívico humanitárias. Como exemplo, Faller cita a comissão *ENDURING PROMISE* realizada pelo *USNS "Comfort"* em 2019, que contou com a presença de Oficiais de países aliados dos EUA em sua tripulação e Estado-Maior.

Percebe-se que a postura dos EUA por meio do USSOUTHCOM, assume uma postura de proximidade com os seus vizinhos do sul, com o objetivo de garantir a integração de seus planos globais, para isso o Alte Faller toma as missões humanitárias anuais do *USNS "Comfort"* como exemplo. Ele conclui seu *POSTURE STATEMENT* de forma lógica e direta, afirmando que os EUA devem empregar suas Forças Armadas em apoio à sua diplomacia hoje, a fim de evitar o emprego delas em futuros conflitos.

Assumir o emprego de meios navais em prol da diplomacia é considerada diplomacia naval, conforme foi apresentado no capítulo 2 do presente trabalho. Assim, a aliança entre a *United States Agency for International Development*³⁵(USAID) e o *United States Department of Defense*³⁶ (DOD) é de suma importância para a manutenção do poder dissuasor dos EUA na América Latina (STAVRIDIS, 2010).

Portanto, para os EUA é fundamental assumir uma postura de maior destaque na América do Sul, mas sem ser agressivo. As operações de assistência cívico humanitárias atacam as duas frentes, pois contribuem para a dissuasão de elementos hostis aos EUA

35 *United States Agency for International Development* (USAID). É uma agência do governo estadunidense, voltada para o desenvolvimento internacional e busca liderar esforços humanitários para salvar vidas, reduzir a pobreza, fortalecer os governos democráticos e ajudar as pessoas a progredir além da assistência.

36 *United States Department of Defense* (DOD). É um departamento federal dos EUA responsável pela coordenação e supervisão de todas as agências e funções do governo relativas diretamente com a segurança nacional e com as suas Forças Armadas.

enquanto ajuda as populações dos países vizinhos, promovendo o bem estar social na região.

4.5 Os objetivos da *ENDURING PROMISE*

Após a Segunda Guerra Mundial, os EUA assumiram como grande potência mundial ao lado da ex-URSS, sendo o seu domínio baseado em inúmeros aspectos e elementos, tanto estratégicos como econômicos e culturais, permitindo-lhes a assunção de uma estratégia integral (COUTEAU-BÉGARIE, 2010, P. 269).

Couteau-Bégarie (1956 – 2012) identifica dentro da diplomacia naval estadunidense, uma diplomacia humanitária, que busca a manutenção da influência norte-americana em diversas regiões do mundo, mas com especial atenção para o seu entorno. O autor toma como exemplo a operação *CONTINUING PROMISE*³⁷ de 2008, que atendeu cinco países na região, em uma comissão de quatro meses de duração (FIG. 3). Como saldo realizou 198.000 consultas e 221 cirurgias. Contribuiu para construção de 3 escolas de ensino fundamental e para a manutenção de mais 25 estruturas entre escolas e hospitais. Essa comissão foi muito importante para os EUA na época, pois havia um crescimento do sentimento “anti-ianque”³⁸, tendo a Venezuela do Presidente Hugo Chávez como principal protagonista.

O Alte Stavridis lista três variáveis que devem andar sempre juntas para alcançar os objetivos estratégicos nacionais: “Segurança, estabilidade e prosperidade”³⁹(STAVRIDIS, 2010, p. 56). Dessa forma, ele estabelece que as Forças Armadas estadunidenses devem trabalhar com o apoio contínuo de agências governamentais, de forma a buscar a manutenção da prosperidade dos países vizinhos.

37 Durante as pesquisas foi identificado que o nome da missão de ajuda humanitária aos países da América Latina sofreu uma mudança, mas a missão permaneceu com os mesmos objetivos, sendo só uma questão de nomenclatura. Portanto, onde se lê *CONTINUING PROMISE*, pode ser considerado *ENDURING PROMISE*.

38 Termo usado por Couteau-Bégarie “Anti-Yankee”, também conhecido como movimento Anti-Americanismo, que surgiu na década de 1960. Tal movimento teve maior expressão nos países do Mar do Caribe, onde os EUA sempre buscaram exercer sua influência (Mc PHERSON, 2003)

39 Tradução nossa do texto original em inglês: “Security, stability and prosperity”

Ele enfatiza que a liderança das ações de assistência humanitária devem partir da USAID, com emprego das Forças Armadas em apoio, não como protagonistas, pois considera que a política externa não deve ser militarizada, em especial as atividades de caráter assistencialista. Para Stavridis (2010) os militares norte-americanos não desejam ser conhecidos como “o Corpo da Paz com armas”⁴⁰.

Portanto, é um grande desafio para o governo estadunidense planejar e executar as operações de assistência cívico humanitárias, mas ao incluir a atuação de agências governamentais que antes atuavam internamente, agora passam a ter responsabilidades globais de grande importância e ligadas diretamente aos objetivos estratégicos estadunidenses (STAVRIDIS, 2010, p. 58).

O próprio desencadeamento histórico mostra que as operações humanitárias estão em franco crescimento, Stavridis (2010) sugere que a marinha deveria formar grupos de navios para atuar especificamente nesse tipo de missão, escoltando navios-hospitais com meios da *US Navy* ou até da *US Coast Guard*.

4.6 A *ENDURING PROMISE INITIATIVE* de 2007 a 2019

Em março de 2007 por iniciativa do governo do Presidente George W. Bush, teve início o envio de navios da marinha estadunidense para a América Latina e Mar do Caribe, a fim de ajudar as comunidades locais de países subdesenvolvidos ou com elevados índices de pobreza.

Inicialmente com o nome de *CONTINUING PROMISE*⁴¹, tal comissão visava o incentivo às parcerias regionais, o aumento da estabilidade dos países e prover a segurança na região (EUA, 2020a).

40 Tradução nossa do texto original em inglês: “*the Peace Corps with guns*”.

41 Durante as pesquisas foi identificado que a comissão começou a ser denominada de *Enduring Promise* a partir de 2010, sem nenhuma razão que justificasse tal mudança. A fim de não confundir o leitor ela foi nominada de *Enduring Promise* em todo o trabalho.

De acordo com o Alte Stavridis (2010), foi a primeira vez que um navio-hospital estadunidense atuou em missões de assistência cívico humanitárias na América Latina e ilhas do Mar do Caribe, a comissão durou 4 meses atendendo comunidades de 12 países da região. Foram realizados mais de 385.000 tratamentos médicos e 1.170 cirurgias. Os resultados foram positivos e outra missão foi planejada para o ano seguinte, mas em virtude da indisponibilidade do *USNS "Comfort"*, ela foi executada por dois grandes navios anfíbios, o *USS "Boxer"* e o *USS "Kearsarge"* e aumentada em mais três meses.

Um fato interessante e que reforça a importância do emprego dos navios da marinha nesse tipo de missão, principalmente pelas características intrínsecas aos meios navais, foi o desastre natural causado pelo furacão Ike em setembro de 2009, quando o *USS "Kearsarge"* foi destacado da comissão *ENDURING PROMISE 2009* para apoiar as comunidades haitianas devastadas pela tempestade.

Em 2009 o *USNS "Comfort"* foi designado para mais uma comissão de 7 meses na América Latina e Mar do Caribe, com um aumento expressivo dos atendimentos em relação à 2007. Os números expressivos foram acompanhados de uma melhora na imagem dos EUA perante as nações latino-americanas. Segundo o Alte Stavridis (2010), uma pesquisa do Centro Naval de Análises⁴² demonstrou que 62% das pessoas atendidas durante a comissão *ENDURING PROMISE 2009* mudaram suas visões sobre a atitude dos EUA para com os países latino-americanos, passando a ter uma opinião positiva sobre o país e sua política externa.

Dessa forma, Stavridis considera as comissões *ENDURING PROMISE* como parte de estratégias marítimas abrangentes e as denomina de Parceria das Américas⁴³, com a condução de exercícios que promovam a cooperação com os demais países do Continente Americano, desenvolvendo em seus aliados a capacidade de responder às ameaças.

42 Tradução nossa do texto original em inglês: "Center for Naval Analyses"

43 Tradução nossa do texto original em inglês: "Partnership of the Americas"

Conforme mencionado anteriormente, o governo estadunidense prevê um ambiente estratégico regional volátil e com tendência a rejeição da sua presença ou influência nos países do seu entorno, tais desafios exigirão do governo dos EUA uma estratégia para atrair pessoas e outras nações, com o objetivo de apoiar os esforços norte-americanos em direção aos seus estados finais desejados, oferecendo em troca a segurança cooperativa, sustentada pela estabilidade e prosperidade duradoura em todo Continente Americano.

As atividades que envolvem qualquer tipo de apoio à saúde são de grande valor para quem é atendido, e tão importante quanto fazer é mostrar, e a divulgação de imagens de atendimentos à população carente trazem grande visibilidade internacional, seus efeitos podem ecoar por um longo período de tempo com retornos positivos, quando realizadas de forma abrangente, unificada e em sincronia com entidades civis norte-americanas ou dos países anfitriões.

A comissão *ENDURING PROMISE* 2019, em especial, visava o atendimento a 12 países latino-americanos afetados pela crise humanitária na Venezuela, os dados da comissão encontram-se sintetizados no infográfico em anexo (FIG. 5). Tal crise causou a fuga de nacionais daquele país para os países fronteiriços, aumentando a demanda das pessoas pelos serviços públicos, com maior impacto no serviço de saúde. Segundo a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR, 2021), os países da América Latina e Caribe abrigam 4 em cada 5 refugiados e migrantes da Venezuela.

Portanto a comissão de 2019 teve como propósito o atendimento prioritário dos refugiados do regime venezuelano, a fim de evitar a saturação dos sistemas de saúde dos países da América Latina e Mar do Caribe, contribuindo através da diplomacia naval para a ordem nos países do entorno dos EUA, evitando que esse problema chegasse às suas fronteiras.

4.7 O legado da *ENDURING PROMISE*

A América Latina e os países do Mar do Caribe são regiões onde a pobreza, desigualdade social e a corrupção fornecem as condições ideais para a instalação de criminosos e terroristas internacionais, que poderão recrutar pessoas e prosperar em seu desejo de prejudicar os EUA.

Os extremistas possuem a habilidade de usar as tragédias humanas em seu favor e assim se aproveitam de pessoas comuns para realizar sequestros, tráfico de pessoas e narcotráfico. Apesar de serem crimes comuns, Stavridis (2010) considera que o aumento da criminalidade na região afetará diretamente a segurança interna dos EUA.

São muitos os desafios enfrentados pelos países latino-americanos, principalmente aqueles que afetam a sua sociedade de forma mais dura, que são os desastres naturais (furacões, tsunamis e terremotos) e a falta de assistência sanitária de sua população. Mas apesar de nenhum deles recair em áreas tradicionalmente sob a responsabilidade dos militares, Stavridis (2010) considera que elas devem ser abordadas de maneira eficaz pelos instrumentos do Poder Nacional estadunidense, pois o século XXI e o crescimento da interdependência entre os países por comporem um mundo globalizado, leva o problema regional para o nível internacional.

Portanto o autor chega a conclusão que para melhor desenvolver o conhecimento que permita uma abordagem ampla dos problemas da região, há necessidade das Forças Armadas, em especial atenção a *US Navy* por meio da diplomacia naval, de enfrentar os desafios dos países vizinhos com criatividade, contribuindo para a dissolução dos problemas internos das nações próximas, evitando que eles atravessem a fronteira estadunidense. Considerando o maior legado que a *ENDURING PROMISE* pode deixar é a manutenção da segurança dos EUA por meio da estabilidade política, social e econômica dos seus vizinhos, sendo um instrumento fundamental na diplomacia naval estadunidense.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou identificar evidências que comprovem a aderência das operações de assistência cívico humanitária realizada pelo *USNS "Comfort"* aos países da América Latina e Mar do Caribe durante as operações *ENDURING PROMISE* entre 2007 e 2019, ao conceito de diplomacia naval segundo Geoffrey Till.

A presente pesquisa se limitou à doutrina norte-americana de emprego dos seus meios navais em operações de assistência cívico humanitárias, não realizando nenhuma comparação com a Doutrina Militar Naval brasileira.

No capítulo 2 foi mostrado o conceito de diplomacia naval segundo Geoffrey Till, primeiramente apresentando o desenvolvimento do conceito através do tempo e como a forma de emprego dos meios navais em prol da diplomacia se modificou, saindo de uma forma mais coercitiva, onde o Poder Naval era desenvolvido exclusivamente para o combate, sendo preparado para este fim nos períodos de paz. Depois com a criação das armas nucleares, a presença de uma força naval passou a ser interpretada como uma maneira diplomaticamente mais forte de convencer um adversário a mudar a sua posição. Por fim, o período pós guerra fria provocou uma revisão da diplomacia naval, onde destaca-se a aplicação dos meios navais em operações de assistência cívico humanitárias, com a intenção indireta de promover a estabilidade e segurança nas regiões de interesse, com o claro objetivo de manter a estabilidade social dos países para não afetar o comércio internacional.

Para uma melhor compreensão do leitor sobre como a *US Navy* realiza as operações de assistência cívico humanitárias, foi apresentado no capítulo 3, uma breve descrição da doutrina da marinha estadunidense e como ela enxerga essas operações. A diferença entre os conceitos é importantes, pois uma resposta a desastres naturais é planejada e executada de forma diferente de uma operação de assistência cívico humanitária regular. Também é perceptível o quanto o governo norte-americano incentiva a operação

interagências, especialmente neste tipo de comissão. Foram apresentadas neste mesmo capítulo, as evidências sobre a importância dessas operações para contribuir com a realização dos objetivos nacionais dos EUA e o caráter estratégico que elas possuem.

Durante o capítulo 4, foi desenvolvido o objeto de estudo desta pesquisa, as comissões *ENDURING PROMISE* no período de 2007 a 2019. São apresentados dados estatísticos que comprovam a importância desta operação para os países da América Latina e Mar do Caribe. A assistência prestada contribuiu para a manutenção da estabilidade da região, aumentando a influência norte-americana e evitando o surgimento de grupos terroristas, mantendo o controle sobre os grupos criminosos já existentes, em especial atenção àqueles que realizam tráfico de pessoas e o narcotráfico.

Após analisar toda a pesquisa realizada, é perceptível a aderência do conceito de diplomacia naval segundo Geoffrey Till nas atividades de assistência humanitária realizada na América Latina e Mar do Caribe no período de 2007 a 2019.

Diretamente, as missões contribuem para o desenvolvimento social da região e para a manutenção dos adestramentos dos militares estadunidenses embarcados no *USNS "Comfort"*, que por não estarem envolvidos em conflitos, precisam realizar exercícios continuamente, a fim de manter o adestramento. Indiretamente, atuam por meio da diplomacia naval na região, mostrando a bandeira norte-americana e promovendo o bem-estar social, angariando assim os corações e mentes das comunidades carentes e evitando que as pessoas em estado de fragilidade social sejam recrutadas por grupos terroristas, que visam desestabilizar o governo norte-americano.

A presença estadunidense na região tornou-se mais importante, uma vez que houve um crescimento do sentimento “anti-ianque” promovido pelos governos socialistas em ascensão na América Latina a partir de 2007.

A presente pesquisa procurou mostrar a importância das operações de assistência

cívico humanitárias como forma de aplicar a diplomacia naval em caráter estratégico, sendo um instrumento cooperativo importante, por atuar diretamente na opinião pública da população do país anfitrião, conquistando a confiança do povo e servindo como promotor da causa do país que presta a assistência.

Também é notável como Faller, Stavridis e Till se alinham na percepção do viés menos coercitivo no emprego dos meios navais, e a importância da diplomacia naval para a manutenção da estabilidade no mundo globalizado. Cada vez mais as marinhas procuram adquirir meios para atender os objetivos estratégicos estabelecidos pelo poder político.

Assim, o emprego do Poder Naval em prol da diplomacia naval por meio de atividades benignas, evidencia o caráter cooperativo de uma nação, que deseja exercer a sua influência em determinada região de interesse estratégico. Essa capacidade pode ser construída com o tempo e não é exclusividade das grandes marinhas como a norte-americana.

Há de se ampliar a pesquisa, a fim de verificar a capacidade da MB em realizar esse tipo de operação, especialmente em regiões onde já exista algum tipo de ação coercitiva da diplomacia naval brasileira, pois o emprego conjunto da coerção e cooperação poderá contribuir para uma solução mais eficaz dos problemas militares atuais.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Organizações parceiras do ACNUR e da OIM pedem apoio urgente a refugiados e migrantes da Venezuela e seus países de acolhida.** 15 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2021/06/15/organizacoes-parceiras-do-acnur-e-da-oim-pedem-apoio-urgente-a-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-e-seus-paises-de-acolhida/>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

AYERBE, Luis Fernando. **Governos de esquerda na América Latina e a perspectiva da política externa dos EUA.** Perspectivas, São Paulo, v. 33, p. 213-232, jan./jun. 2008.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do século XX.** 1ª. ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2009.

BRASIL. **Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa.** Brasília: Ministério da Defesa, 2020.

COUTAU-BÉGARIE, Hervé. **Le meilleur des ambassadeurs: théorie et pratique de la diplomatie navale.** Paris: Economica, 2010. 383 p. (Bibliothèque Stratégique).

ELLIS, R. Evan. **Thinking Strategically About Latin America and the Caribbean.** Disponível em: <<https://www.indrastra.com/2016/12/SI-Thinking-Strategically-About-Latin-America-and-the-Caribbean-002-12-2016-0017.html>>. Acesso em 13 jul. 2021.

EUA, **2004-2005 – Thailand (Operation Unified Assistance).** Disponível em: <<https://www.history.navy.mil/content/history/museums/nmusn/explore/photography/humanitarian/21st-century/2000-2009/2004-2005-thailand-operation-unified-assistance.html>>. Acesso em 06 de julho de 2021. Criado em: 13 jun. 2009b.

_____, **2007-Present – Operation Continuing Promise.** 07 de maio de 2020a. Disponível em: <<https://www.history.navy.mil/content/history/museums/nmusn/explore/photography/humanitarian/21st-century/2000-2009/2007-present-operation-continuing-promise.html>>. Acesso em 07 jul. 2021.

_____, **A Cooperative Strategy for 21st Century Seapower: Forward, Engaged, Ready.** Washington, DC: U.S. Government, 2015.

_____, **Naval Doctrine Publication 1 – Naval Warfare.** Washington, DC: U.S. Government, 2020b.

_____, **NTTP 3-57.3 – NAVY HUMANITARIAN AND CIVIC ASSISTANCE OPERATIONS.** Norfolk: Navy Warfare Development Command, 2009a.

FALLER, Craig S. **POSTURE STATEMENT.** Disponível em: <https://www.southcom.mil/Portals/7/Documents/Posture%20Statements/SASC%20SOUTHCOM%20Posture%20Statement_FINAL.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

FRANÇA, Lessa Júnia; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas.** 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 255 p.

FUENTES, Gidget. **Hospital Ship "Comfort" Ends NYC COVID-19 Mission After Treating 182 Patients.** 27 abr. 2020. Disponível em: <[https://news.usni.org/2020/04/27/hospital-ship-"Comfort"-ends-nyc-covid-19-mission-after-treating-182-patients](https://news.usni.org/2020/04/27/hospital-ship-)>. Acesso em: 17 jul. 2021.

_____, Gidget. **USNS "Comfort" Prepared for 500 COVID-19 Patients; Crewmember Diagnosed With Virus** 07 abr. 2020. Disponível em: <[https://news.usni.org/2020/04/07/usns-"Comfort"-prepared-for-500-covid-19-patients-crewmember-diagnosed-with-virus](https://news.usni.org/2020/04/07/usns-)>. Acesso em: 17 jul. 2021.

HURLEY, John; MORRIS, Scott; PORTELANCE, Gailyn. **Examining the Debt Implications of the Belt and Road Initiative from a Policy Perspective.** 04 mar. 2018. Disponível em: . Acesso em: 13 jul. 2021.

LEMIÈRE, Christian. **Maritime diplomacy in the 21st century.** New York: Routledge, 2014.

MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras.** 3^a ed. São Paulo. Contexto, 2006.

MAHAN, A.T., **The Life of Nelson.** London: Sampson, Low, Marston & Co., 1899.

McPHERSON, Alan L. **Yankee no!: anti-Americanism in U.S. - Latin American relations.** Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2003.

POTTS, J. R. **The USNS "Comfort", a converted oil supertanker, has provided just that to many since her inception in 1987.** 12 out. 2020. Disponível em: <[https://www.militaryfactory.com/ships/detail.php?ship_id=USNS-"Comfort"-TAH20](https://www.militaryfactory.com/ships/detail.php?ship_id=USNS-)>. Acesso em: 17 jul. 2021.

RAN, Chen. **The 'Peace Ark' hospital ship: Setting sail for love.** Disponível em: <<https://news.cgtn.com/news/3d3d774d3455444d35457a6333566d54/index.html>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

SPELLER, Ian. **Understanding Naval Warfare.** 2^a ed. New York: Editora Routledge, 2019. 255 p.

SPRENGER, Leandro. **Exportação marítima: Porque ela é tão importante?** 13 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.fazcomex.com.br/blog/exportacao-maritima-porque-e-importante/>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

STAVRIDIS, James. **Partnership for the Americas: Western Hemisphere strategy and U.S. Southern Command.** 1. ed. Washington – DC: National Defense University Press, 2010. 263 p.

TILL, Geoffrey. **Seapower: A Guide for the Twenty-First Century.** 4^a ed. New York: Routledge, 2019. 409 p.

WEDIN, Lars. **Estratégias marítimas no século XXI: a contribuição do Almirante Castex.** [S.l.: s.n.], 2015. 235p.

ANEXO



Figura 1-Triângulo de Booth

Fonte: TILL, Geoffrey. **Seapower: A Guide for the Twenty-First Century**. 4ª. ed. New York: Routledge, 2019. p. 362

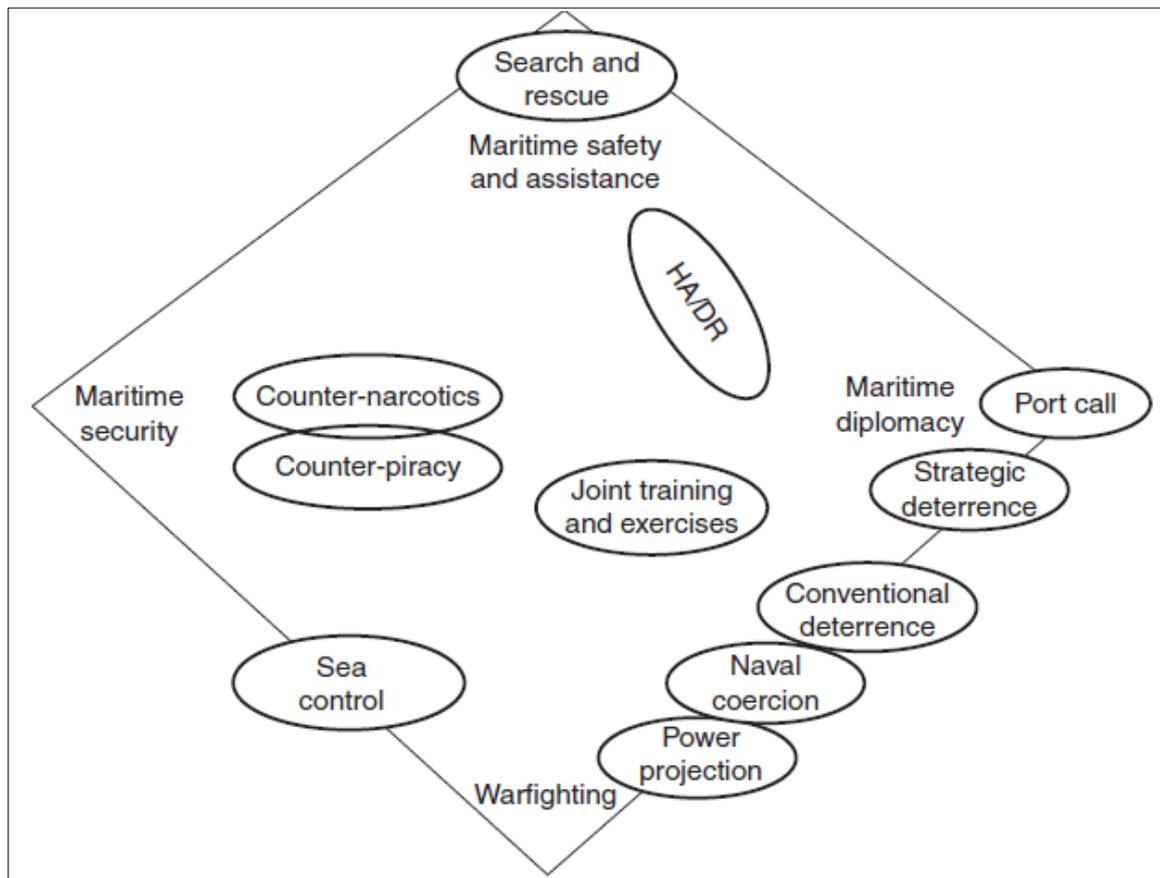


Figura 2: O diamante do Poder Naval segundo Le Miere

Fonte: LEMIÈRE, Christian. **Maritime diplomacy in the 21st century**. New York: Routledge, 2014. p. 122



Figura 3 - Desembarque de donativos no Haiti em setembro de 2008

Fonte: <<https://www.history.navy.mil/content/history/museums/nmusn/explore/photography/humanitarian/21st-century/2000-2009/2007-present-operation-continuing-promise.html>>. Acesso em 12 de agosto de 2021.



Figura 4 - USNS "Comfort"

Fonte: <https://www.militaryfactory.com/ships/detail.php?ship_id=USNS-Comfort-TAH20>. Acesso em 12 de agosto de 2021

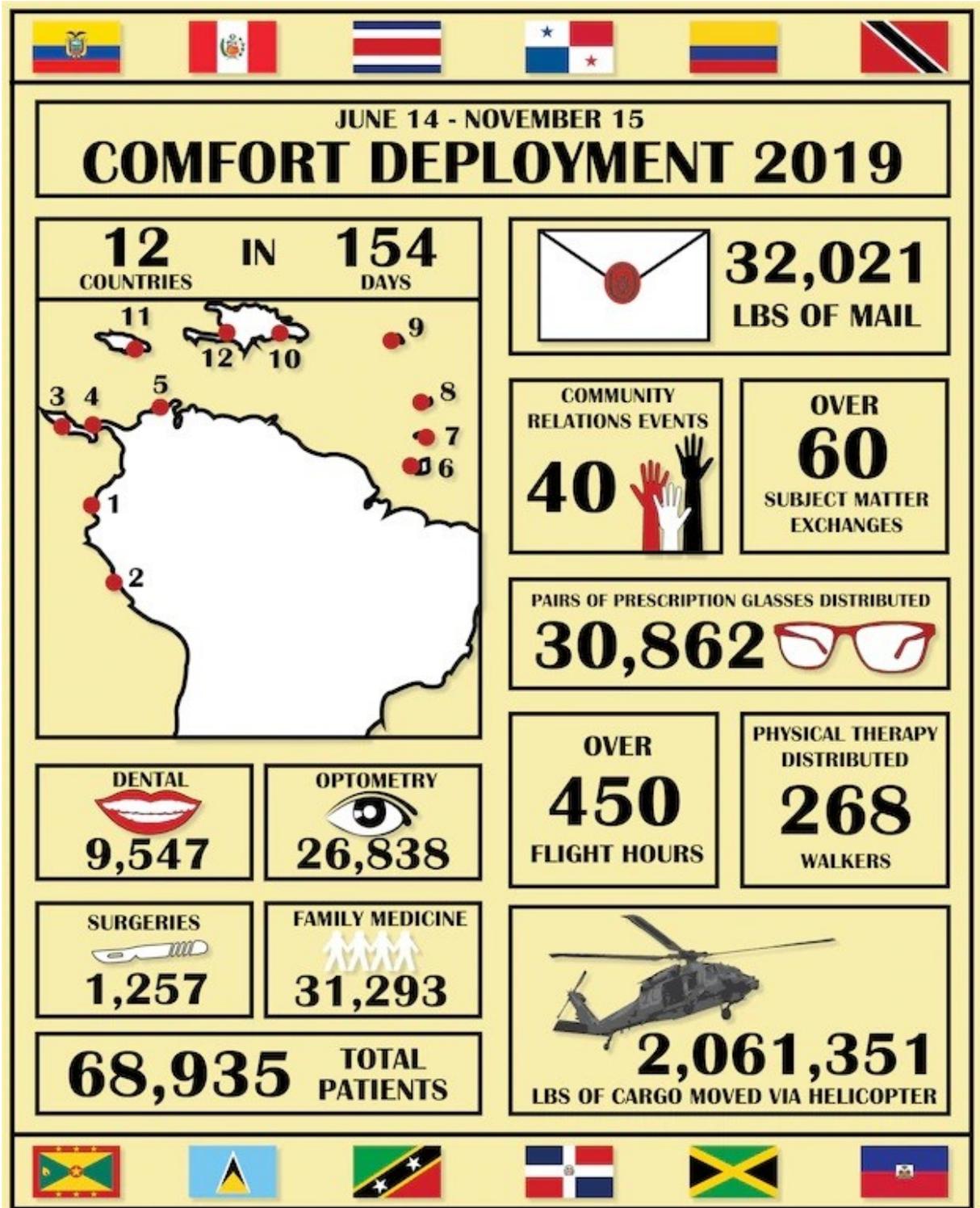


Figura 5 - Infográfico Enduring Promise 2019

Fonte: <<https://www.navy.mil/Resources/Blogs/Detail/Article/2268177/enduring-promise-usns-comfort-deployment-2019/>>. Acesso em 12 de agosto de 2021



Figura 6 - Embarque de paciente infectado com COVID-19 no USNS "Comfort" em Nova Iorque.

Fonte: <[https://news.usni.org/2020/04/27/hospital-ship-\"Comfort\"-ends-nyc-covid-19-mission-after-treating-182-patients](https://news.usni.org/2020/04/27/hospital-ship-\)>. Acesso em 17 de julho de 2021.